

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Ralf Weikert direcção musical

Christiane Libor soprano

Christian Elsner tenor

2 Abr 2022 · 18:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Maestro Ralf Weikert sobre o programa do concerto.
VIMEO.COM/694355004

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Richard Wagner

Excertos do ciclo *O Anel do Nibelungo*

O Ouro do Reno (1853-1854)

“Entrada dos Deuses em Valhala”

“A recompensa de Loge é sempre a ingratidão!” (tenor)

A Valquíria (1854-1856)

“Os homens estavam todos nesta sala” (soprano)

“As tempestades de Inverno fugiram com o luar de Maio” (tenor)

“Tu és a Primavera” (soprano e tenor)

“A Cavalgada das Valquírias”

PAUSA TÉCNICA

O Crepúsculo dos Deuses (1869-1874)

“Viagem de Siegfried pelo Reno”

Siegfried (1856-1871)

“Canção da forja” (tenor)

“Fui eterna, sou eterna” (soprano)

O Crepúsculo dos Deuses (1869-1874)

“Brünnhilde, sagrada esposa” (tenor)

“Marcha Fúnebre”

“Ergam além uma grande pira” (soprano)

Textos originais e traduções nas páginas 6 a 18.

Duração aproximada: 1h30min

Richard Wagner

LEIPZIG, 22 DE MAIO DE 1813

VENEZA, 13 DE FEVEREIRO DE 1883

O Anel do Nibelungo

A obra de Richard Wagner assumiu um relevo particular na história da ópera, uma vez que a sua orientação reformista foi decisiva na emergência de uma nova concepção do gênero. Para além do mais, as suas ideias alcançaram um impacto bastante alargado nas décadas subsequentes, nos mais diversos campos do pensamento e da arte, o qual subsistiu em boa parte até aos dias de hoje. O seu interesse pelo teatro e pela música manifestou-se desde cedo, mas o seu primeiro sucesso operático, após algumas outras tentativas, seria obtido apenas em 1842, com a estreia de *Rienzi* em Dresden. As apresentações de *Der fliegende Holländer*, de *Tannhäuser* e de *Lohengrin*, até ao final dessa década, representariam um significativo salto qualitativo, e os anos de exílio na Suíça, decorrentes da sua participação na insurreição de Dresden em 1849, levariam o compositor a concretizar todo um corpo de reflexão teórica e estética — nomeadamente com *A arte e a revolução* (1849), *A obra de arte do futuro* (1849) e *Ópera e drama* (1851), ensaios que hoje fornecem chaves interpretativas fundamentais para o entendimento da sua obra.

Com a sua evocação da ascensão e do colapso das civilizações, e recorrendo a uma concepção da arte de acordo com o princípio de *Gesamtkunstwerk* (“obra de arte total”), *Der Ring des Nibelungen*, tetralogia de que fazem parte os dramas musicais *Das Rheingold* (*O Ouro do Reno*), *Die Walküre* (*A Valquíria*), *Siegfried* e *Götterdämmerung* (*O Crepúsculo dos Deuses*), é indubitavelmente uma das criações artísticas mais imponentes da cultura

ocidental. A génese da obra remonta ao ano de 1848, quando Richard Wagner elaborou um esboço em prosa intitulado *Siegfrieds Tod*, o qual nos anos seguintes seria substancialmente alargado, dando origem a um enredo que tinha as suas raízes na mitologia nórdica e germânica. O trabalho de composição musical decorreu essencialmente entre 1853 e 1874, tendo a estreia do ciclo integral ocorrido em Agosto de 1876, em Bayreuth, sob a direcção de Hans Richter.

“Entrada dos Deuses em Valhala”

Na Cena 3 de *O Ouro do Reno*, Wotan e Loge tinham partido para Nibelheim, prendendo Alberich e apoderando-se do anel que este havia forjado a partir do ouro roubado às Filhas do Reno. Alertado por Erda, Wotan decide ceder o anel amaldiçoado aos gigantes, como pagamento pelo trabalho realizado por estes na construção do novo palácio dos deuses. É então que se inicia a Cena 4, “Einzug der Götter in Walhall” (“Entrada dos Deuses em Valhala”). Donner usa o seu martelo para convocar uma tempestade, e quando o céu desanuvia revela-se uma ponte de arco-íris, que Wagner descreve recorrendo às sonoridades de harpas, sopros e cordas, acompanhando a longa melodia dos violoncelos. Wotan clama que o novo palácio será chamado de Valhala e conduz majestosamente os deuses para a sua nova residência, enquanto Loge, o deus do fogo, os observa à distância, comentando cinicamente a sua complacência e prevendo a sua destruição. De baixo chegam os sons das lamentações das Filhas do Reno. O nobre motivo de Valhala, enunciado pelas trompas, cresce em intensidade, no que constitui uma esplendorosa conclusão para a noite preliminar do ciclo.

“A recompensa de Loge é sempre a ingratidão!”

Na Cena 2 de *O Ouro do Reno*, Wotan e os outros deuses debatem, preocupados, a situação de Freia, que havia sido prometida aos gigantes Fafner e Fasolt como pagamento pela construção de Valhala, mostrando-se o líder dos deuses confiante de que Loge, o astuto semideus do fogo, em breve regressaria com uma solução. Os gigantes aparecem, solicitando o cumprimento do acordado e enfrentando a resistência dos deuses. Nessa ocasião, Loge surge finalmente em cena, relatando, em “Immer ist Undank Loges Lohn” (“A recompensa de Loge é sempre a ingratidão”), os esforços que empreendeu, em vão, no sentido de encontrar uma candidata mais bela do que Freia, assim como a história que lhe foi contada pelas Filhas do Reno: abdicando do amor, Alberich, o nibelungo, roubara-lhes o ouro, considerando-o o bem mais precioso de todos, e por isso apelavam a Wotan para que o ladrão fosse levado à justiça. No momento seguinte, todos se mostram ávidos de possuir aquele tesouro.

“Os homens estavam todos nesta sala”

No início de *A Valquíria*, fugindo de inimigos durante uma noite de tempestade, Siegmund encontra abrigo numa casa desconhecida. Acalmada a intempérie, Sieglinde cuida dele e de imediato desponta uma atração mútua, até que o seu marido, Hunding, surge em cena questionando ambos. Percebendo que Siegmund estivera envolvido com os seus inimigos, Hunding desafia-o para um duelo na manhã seguinte. Vendo-se só, Siegmund invoca o nome de seu pai, Wälse (na verdade, Wotan disfarçado de humano), ansiando pela espada que lhe havia sido prometida. Sieglinde reaparece,

revelando ter dado um soporífero a Hunding, para Siegmund poder fugir. Neste momento, em “Der Männer Sippe sass hier im Saal” (“Os homens estavam todos nesta sala”), conta um episódio sucedido durante a sua boda, quando um estranho ancião de olho tapado cravou no freixo daquela sala uma espada que ela agora acreditava estar destinada a Siegmund, revelando ainda a vida infeliz que desde então levava, devido ao casamento forçado com Hunding.

“As tempestades de Inverno fugiram com o luar de Maio” e “Tu és a Primavera”

No seguimento daquela revelação, Siegmund abraça Sieglinde fervorosamente e promete libertá-la da situação. Repentinamente, a porta grande abre-se e Sieglinde afasta-se dele, assustada. Ele descansa-a, contemplando, em êxtase, a noite de Primavera e o luar que agora banhava ambos naquela sala. É então que, em “Winterstürme wichen dem Wonnemond” (“As tempestades de Inverno fugiram com o luar de Maio”), Siegmund compara os seus sentimentos ao casamento entre o amor e a Primavera. Logo depois, em “Du bist der Lenz” (“Tu és a Primavera”), Sieglinde revela, enlevada, os seus sentimentos por ele, e ambos se envolvem, inebriados, até que ela começa a recordar-se do som daquela voz, bem como daquele olhar, dos seus tempos de criança, questionando-o se o seu nome e o do seu pai eram de facto Wehwalt e Wolfe, como antes tinha declarado a Hunding. Quando ele revela que o nome do seu pai era Wälse, Sieglinde reconhece-o como o seu irmão gémeo, sendo Siegmund o seu verdadeiro nome. Na culminação da cena, Siegmund arrancará a espada Notung cravada na árvore, reclamando Sieglinde para si, como sua irmã e esposa, e regozijando-se com a união dos Volsungos.

“A Cavalgada das Valquírias”

No início do Acto III de *A Valquíria*, as nove Valquírias, ferozes guerreiras filhas de Wotan, numa noite escura e tempestuosa no topo de uma montanha escarpada, cumprem o seu dever cavalgando pelo céu e colhendo os cadáveres dos heróicos guerreiros caídos em batalha, para que fossem reconduzidos como protectores do Valhala, a residência dos deuses. Neste Prelúdio, conhecido como “Walkürenritt” (“A Cavalgada das Valquírias”), o enérgico motivo principal, tocado pelas trompas em ritmos galopantes, é envolvido pelos floreados dos sopros e das cordas. Desafiando as ordens de Wotan — que havia determinado deixar morrer os irmãos Siegmund e Sieglinde —, Brünnhilde, a filha favorita do líder dos deuses, decide recolher Sieglinde e colocá-la em segurança no topo daquela montanha, para surpresa das restantes Valquírias.

“Viagem de Siegfried pelo Reno”

No Prólogo de *O Crepúsculo dos Deuses*, Siegfried e Brünnhilde assomam da caverna em que se haviam retirado no final de *Siegfried*, o terceiro drama musical do *Anel*, para se apresentarem num dueto arrebatador em que surgem temas associados com o amor e o heroísmo do par. Quando Siegfried parte para novas aventuras, inicia-se um interlúdio orquestral — “Siegfrieds Rheinfahrt” (“Viagem de Siegfried pelo Reno”) — que liga o Prólogo ao Acto I, descrevendo a viagem que então empreende e que virá a culminar na sua morte. Trata-se de uma peça alegre e descontraída, que combina *leitmotive* associados a Brünnhilde e a Siegfried — bem como referências intrincadas a outros surgidos anteriormente —, constituindo na verdade um dos exemplares

mais impressionantes da rica e brilhante escrita orquestral wagneriana.

“Canção da forja”

O Acto I de *Siegfried* inicia-se com o anão Mime engendrando um plano no sentido de se apoderar do anel criado pelo seu irmão Alberich: criando o jovem humano Siegfried como filho adoptivo, pretendia forjar uma espada com a qual este pudesse matar Fafner, o gigante detentor do anel, e de outros tesouros do Reno, que entretanto se transformara num dragão. Wotan disfarçado aparece a Mime, revelando-lhe que a espada Notung, cujos fragmentos estavam sob a custódia deste, apenas poderia ser forjada por aquele que não conhecesse o medo. Na Cena 3, constatando, aborrecido, que Mime não é capaz de forjar a sua espada, Siegfried encarrega-se de o fazer sozinho, em “Schmiedelied” (“Canção da forja”), enquanto o astucioso anão confecciona uma bebida envenenada, antevendo o momento em que se desfaria do jovem, assim que este derrotasse o dragão. Uma vez forjada a espada com sucesso, Siegfried demonstra todo o seu poder, cortando a bigorna em duas.

“Fui eterna, sou eterna”

Depois de, na cena anterior, Siegfried ter enfrentado Wotan, destruindo a lança deste com a sua espada Notung, na Cena 3 do Acto III o herói wagneriano logra ultrapassar o anel de fogo que rodeava uma misteriosa figura adormecida. Ao dar-se conta de que se tratava de uma mulher — a primeira mulher que alguma vez vira —, beija-a, ansioso, despertando-a do longo sono mágico em que tinha sido colocada pelo líder dos deuses no final de *A Valquíria*. Inicialmente vacilante, Brünnhilde rapidamente

é conquistada pelo amor de Siegfried, renunciando definitivamente ao mundo das divindades, e em “Ewig war ich, ewig bin ich” (“Fui eterna, sou eterna”) manifesta-se aterrorizada por novos sentimentos que ainda não conhece nem consegue compreender.

“Brünnhilde, sagrada esposa” e “Marcha Fúnebre”

Na Cena 2 do Acto III de *O Crepúsculo dos Deuses*, depois do seu encontro com as Filhas do Reno, Siegfried regressa à caçada da qual se havia afastado. Enquanto bebe jovialmente com Gunther e Hagen, conta as aventuras e os feitos heróicos da sua juventude. No momento em que relata a ocasião em que encontrou Brünnhilde adormecida e a acordou com um beijo, a esperada resolução em Dó maior é frustrada pelo trítono que corresponde à expressão consternada de Gunther, seguida pelo golpe fatal que o vilão Hagen lhe desfere pelas costas com a sua lança. Em “Brünnhilde, heilige Braut” (“Brünnhilde, sagrada esposa”), amparado por dois vassalos, Siegfried sucumbe finalmente, sussurrando o nome da sua amada. Todos os presentes ficam gelados de dor. Enquanto o corpo de Siegfried é levado em procissão solene, a orquestra entoa um interlúdio lúgubre, a “Trauermarsch” (“Marcha Fúnebre”), que recorda temas relacionados com Siegfried e com os Volsungos, enquanto toda a cena é gradualmente coberta por uma bruma que sobe do Reno. Após uma grande afirmação do motivo da espada no trompete, assim como de motivos que evocam o heroísmo do defunto, sobrevém uma última declaração triunfante da trompa de Siegfried, em Mi bemol maior, mas o tema da morte retorna e a música desvanece-se desoladamente na escuridão.

“Ergam além uma grande pira”

Na Cena 3 do Acto III de *O Crepúsculo dos Deuses*, Brünnhilde assoma, com calma e dignidade. Deparando-se com o corpo de Siegfried, ordena aos espectadores que uma enorme pira funerária seja construída junto ao rio. Após uma passagem reflexiva em que considera que o herói já havia expiado a sua culpa, monta o seu cavalo Grane, acompanhada pelo motivo das Valquírias, devolve o anel às Filhas do Reno e oferece-se ela própria em sacrifício, o que desencadeia uma conflagração que leva o rio a transbordar, inundando as margens e apagando o fogo. As Filhas do Reno surgem para reclamar o anel, desta forma quebrando a maldição, e um efeito incandescente é observado nos céus: todos os presentes observam, profundamente comovidos, o interior de Valhala e todas as suas divindades sendo consumidos pelas chamas — aliás, tal como Loge tinha profetizado cinicamente ainda no final de *O Ouro do Reno*. Nesta Cena da Imolação de Brünnhilde, certamente uma das mais impressionantes da produção wagneriana e da própria história da ópera, é audível um autêntico compêndio de motivos apresentados ao longo de toda a tetralogia.

LUÍS M. SANTOS, 2022

Der Rheingold

“Immer ist Undank Loges Lohn”

LOGE

Immer ist Undank
Loges Lohn!
Um dich nur besorgt,
sah ich mich um,
durchstößert' im Sturm
alle Winkel der Welt,
Ersatz für Freia zu suchen,
wie er den Riesen wohl recht;
Umsonst sucht' ich,
und sehe nun wohl;
in der Welten Ring
nichts ist so reich,
als Ersatz zu muten dem Mann
für Weibes Wonne und Wert.
So weit Leben und Weben,
in Wasser, Erd' und Luft,
viel frug' ich,
forschte bei allen,
wo Kraft nur sich rührt,
und Keime sich regen:
was wohl dem Manne
mächt'ger dünk'
als Weibes Wonne und Wert?
Doch so weit Leben und Weben,
verlacht nur ward
meine fragende List:
in Wasser, Erd' und Luft,
lassen will nichts
von Lieb' und Weib. —
Nur einen sah' ich,
der sagte der Liebe ab:
um rotes Gold
entriet er des Weibes Gunst.
Des Rheines klare Kinder
klagten mir ihre Not:
der Nibelung,

O Ouro do Reno

“A recompensa de Loge é sempre a ingratidão!”

LOGE

A recompensa de Loge
é sempre a ingratidão!
Preocupado contigo,
andei por todo o lado.
Com fervor vasculhei
todos os cantos do mundo,
para tentar encontrar
um substituto para Freia
como ficou devido oferecer aos gigantes.
Em vão procurei,
agora o vejo:
em todo o mundo nada vale tanto,
como recompensa para um homem,
do que o amor e a beleza de uma mulher!
Onde existe vida ou palpitação,
na água, na terra ou no ar,
a todos perguntei,
todos questionei,
onde reside a força,
onde germina uma semente:
o que poderia parecer
mais valioso para o homem
do que amor e a beleza de uma mulher?
Mas onde existe vida ou palpitação,
a minha pergunta astuciosa
foi troçada:
na água, na terra ou no ar,
ninguém deseja abdicar
do amor de uma mulher.
Só um encontrei,
que abjurou o amor:
por ouro vermelho
trocou os favores femininos.
As claras Filhas do Reno
contaram-me a sua aflição:
o nibelungo,

Nacht-Alberich,
buhlte vergebens
um der Badenden Gunst;
das Rheingold da
raubte sich rächend der Dieb:
das dünkt ihn nun
das teuerste Gut,
hehrer als Weibes Huld.
Um den gleissenden Tand,
der Tiefe entwandt,
erklang mir der Töchter Klage:
an dich, Wotan,
wenden sie sich,
dass zu Recht du zögest den Räuber,
das Gold dem Wasser
wieder gebest,
und ewig es bliebe ihr Eigen.

Die Walküre

“Der Männer Sippe sass hier im Saal”

SIEGLINDE

Der Männer Sippe
sass hier im Saal,
von Hunding zur Hochzeit geladen:
er freite ein Weib,
das ungefragt
Schächer ihm schenkten zur Frau.
Traurig sass ich,
während sie tranken;
ein Fremder trat da herein:
ein Greis in blauem Gewand;
tief hing ihm der Hut,
der deckt' ihm der Augen eines;
doch des andren Strahl,
Angst schuf es allen,
traf die Männer
sein mächtiges Dräu'n:
mir allein
weckte das Auge
süss sehnenenden Harm,

Alberich, o sombrio,
em vão aspirou
aos prazeres das nadadoras;
e então roubou o ouro do Reno
para se vingar, o ladrão.
Para ele é esta agora
a maior riqueza,
mais sagrada do que o amor de uma mulher.
Ouvi o lamento das Filhas do Reno
pela perda
do seu brinquedo luminoso,
agora roubado às águas:
dirigem-se a ti, Wotan,
para que justamente o retires ao ladrão,
devolvas o ouro às águas,
que para sempre
lhes deve pertencer.

A Valquíria

“Os homens estavam todos nesta sala”

SIEGLINDE

Os homens estavam
todos nesta sala,
convidados por Hunding para a sua boda.
Desposava contrariada
uma mulher
que meliantes lhe ofereceram como esposa.
Enquanto eles bebiam,
eu, infeliz, aqui estava sentada.
Eis que então entra um desconhecido:
um ancião, vestido de azul,
um chapéu cobrindo-lhe a face,
escondendo-lhe um dos seus olhos.
Mas o brilho do outro
a todos inspirava temor,
quando sobre eles pousava
o seu olhar ameaçador.
Só em mim aquele olhar
despertava doces
e melancólicos sentimentos

Tränen und Trost zugleich.
Auf mich blickt' er
und blitzte auf jene,
als ein Schwert in Händen er schwang;
das stieß er nun
in der Esche Stamm,
bis zum Heft haftet' es drin:
dem sollte der Stahl geziemen,
der aus dem Stamm es zög'.
Der Männer alle,
so kühn sie sich mühten,
die Wehr sich keiner gewann;
Gäste kamen
und Gäste gingen,
die stärksten zogen am Stahl —
keinen Zoll entwich er dem Stamm:
dort haftet schweigend das Schwert. —
Da wusst' ich, wer der war,
der mich Gramvolle gegrüsst;
ich weiss auch,
wem allein
im Stamm das Schwert er bestimmt.
O fänd' ich ihn hier und heut',
den Freund;
käm' er aus Fremden
zur ärmsten Frau.
Was je ich gelitten
in grimmigem Leid,
was je mich geschmerzt
in Schande und Schmach, —
süsseste Rache
sühnte dann alles!
Erjagt hätt' ich,
was je ich verlor,
was je ich beweint,
wär' mir gewonnen,
fänd' ich den heiligen Freund,
umfing' den Helden mein Arm!

feitos de lágrimas e consolação.
Olhou para mim
e lançou um olhar fulminante a todos os outros
ao brandir nas suas mãos uma espada.
Cravou-a no tronco do freixo
onde ficou enterrada
até ao punho.
A lâmina obedeceria àquele
que a conseguisse arrancar da árvore.
Por mais que se esforçasse,
nenhum dos homens
a conseguiu conquistar.
Vieram convidados
e partiram convidados,
os mais fortes tentaram a sua sorte.
Na árvore, a espada nem sequer se mexia.
Aí está ela silenciosa no tronco.
Aí percebi eu quem era
aquele que me saudara, a mim infeliz.
E também sei
a quem se destina
a espada que está na árvore.
Que eu o encontre aqui e agora,
aquele amigo
que de um local distante veio
até à mais infeliz de todas.
Todas as dores cruéis
que sofri,
toda a vergonha e desonra
que tive de suportar,
seriam resgatados
por uma doce vingança!
Seria meu
tudo o que perdera,
teria conquistado
tudo pelo que chorara,
se encontrasse o doce amigo,
se os braços do herói me segurassem!

Die Walküre

“Winterstürme wichen dem Wonnemond”

SIEGMUND

Winterstürme wichen
dem Wonnemond,
in mildem Lichte
leuchtet der Lenz;
auf linden Lüften
leicht und lieblich,
Wunder webend
er sich wiegt;
durch Wald und Auen
weht sein Atem,
weit geöffnet
lacht sein Aug': —
aus sel'ger Vöglein Sange
süss er tönt,
holde Düfte
haucht er aus;
seinem warmen Blut entblühen
wonnige Blumen,
Keim und Spross
entspringt seiner Kraft.
Mit zarter Waffen Zier
bezwingt er die Welt;
Winter und Sturm wichen
der starken Wehr:
wohl musste den tapfern Streichen
die strenge Türe auch weichen,
die trotzig und starr
uns trennte von ihm. —
Zu seiner Schwester
schwang er sich her;
die Liebe lockte den Lenz:
in unsrem Busen
barg sie sich tief;
nun lacht sie selig dem Licht.
Die bräutliche Schwester
befreite der Bruder;

A Valquíria

**“As tempestades de Inverno
fugiram com o luar de Maio”**

SIEGMUND

As tempestades de Inverno
fugiram com o luar de Maio.
Numa doce luz
resplandece a Primavera,
embalada
por suaves ventos,
ligeiros, amorosos,
ela tece maravilhas.
A sua respiração
perpassa
em bosques e campos,
o seu amplo olhar sorri,
ressoando nos cantos
maviosos dos pássaros.
Exalando
inebriantes perfumes,
da sua seiva ardente
nascem flores encantadoras,
faz desabrochar
sementes e rebentos.
Com ternas armas
domina o mundo,
Inverno e tempestades
fogem da sua força.
Decerto o seu corajoso bater
fez até a dura porta ceder,
ela, que obstinadamente
dela nos separava.
Voou para se unir
à sua irmã,
o amor chamou a Primavera,
escondido no fundo
do nosso peito,
agora sorri inebriado em plena luz.
O irmão uniu-se
à sua irmã,

zertrümmert liegt,
was je sie getrennt:
jauchzend grüsst sich
das junge Paar:
vereint sind Liebe und Lenz!

Die Walküre
“Du bist der Lenz”

SIEGLINDE
Du bist der Lenz,
nach dem ich verlangte
in frostigen Winters Frist.
Dich grüsstest mein Herz
mit heiligem Grau'n,
als dein Blick zuerst mir erblühte.
Fremdes nur sah ich von je,
freudlos war mir das Nahe.
Als hätt' ich nie es gekannt,
war, was immer mir kam.
Doch dich kannt' ich
deutlich und klar:
als mein Auge dich sah,
warst du mein Eigen;
was im Busen ich barg,
was ich bin,
hell wie der Tag
taucht' es mir auf,
o wie tönender Schall
schlug's an mein Ohr,
als in frostig öder Fremde
zuerst ich den Freund ersah.

SIEGMUND
O süsseste Wonnel!
O seligstes Weib!

SIEGLINDE
O lass in Nähe
zu dir mich neigen,
dass hell ich schaue
den hehren Schein,

tudo o que os separava
está agora por terra,
rejubilando uniu-se
o jovem casal.
Amor e Primavera são um só!

A Valquíria
“Tu és a Primavera”

SIEGLINDE
Tu és a Primavera
que eu esperava
no meio do Inverno gelado.
O meu coração te saudou
com um divino temor
quando o teu olhar sobre mim floriu.
Até aí tudo me era estranho,
o que me rodeava
não me trazia alegria.
Tudo o que se aproximava de mim
me parecia desconhecido.
Mas a ti reconheci-te
claramente.
Mal os meus olhos te viram,
já tu eras meu.
Tudo quanto no peito escondia,
o que eu sou,
como o dia nasceu em mim.
Que doces harmonias
eu ouvi
quando na minha fria solidão
pela primeira vez te vi.

SIEGMUND
Ó prazer sublime!
Mulher encantadora!

SIEGLINDE
Deixa que de ti
eu me aproxime
para claramente contemplar
o nobre brilho

der dir aus Aug'
und Antlitz bricht
und so süß die Sinne mir zwingt.

SIEGMUND

Im Lenzesmond
leuchtest du hell;
hehr umwebt dich
das Wellenhaar:
was mich berückt,
errat' ich nun leicht,
denn wonnig weidet mein Blick.

SIEGLINDE

Wie dir die Stirn
so offen steht,
der Adern Geäst
in den Schläfen sich schlingt!
Mir zagt es vor der Wonne,
die mich entzückt!
Ein Wunder will mich gemahnen:
den heut' zuerst ich erschaut,
mein Auge sah dich schon!

SIEGMUND

Ein Minnetraum
gemahnt auch mich:
in heissem Sehnen
sah ich dich schon!

SIEGLINDE

Im Bach erblickt' ich
mein eigen Bild —
und jetzt gewahr' ich es wieder:
wie einst dem Teich es enttaucht,
bietest mein Bild mir nun du!

SIEGMUND

Du bist das Bild,
das ich in mir barg.

que irradia da tua face
e do teu olhar
e que tão docemente me inebria os sentidos.

SIEGMUND

Brilhas envolta
no claro luar,
as ondas do teu cabelo
envolvem docemente o teu rosto.
O que em ti me atraía facilmente
o posso adivinhar,
pois o meu olhar se deleita com o que vê.

SIEGLINDE

Como é ampla
a tua frente,
como as veias
nela palpitam!
Tremo do prazer que elas me causam!
Quero revelar-te
um portento:
aquele que hoje pela primeira vez contemplei,
os meus olhos já o viram!

SIEGMUND

Também um sonho de amor
me disse
que nos meus ardentes desejos
já te encontrei!

SIEGLINDE

No ribeiro pude ver
a minha própria imagem,
e agora volto a vê-la.
Tal como a vi surgir na água,
vejo-a nos teus traços!

SIEGMUND

Tu és a imagem
que trazia escondida dentro de mim.

SIEGLINDE

O still! Lass mich
der Stimme lauschen:
mich dünkt, ihren Klang
hört' ich als Kind.
Doch nein! Ich hörte sie neulich,
als meiner Stimme Schall
mir widerhallte der Wald.

SIEGMUND

O lieblichste Laute,
denen ich lausche!

SIEGLINDE

Deines Auges Glut
erglänzte mir schon:
so blickte der Greis
grüssend auf mich,
als der Traurigen Trost er gab.
An dem Blick
erkannt' ihn sein Kind —
schon wollt' ich beim Namen ihn nennen!
Wehwalt heisst du fürwahr?

SIEGMUND

Nicht heiss' ich so,
seit du mich liebst:
nun walt' ich der hehrsten Wonen!

SIEGLINDE

Und Friedmund darfst du
froh dich nicht nennen?

SIEGMUND

Nenne mich du,
wie du liebst, dass ich heisse:
den Namen nehm' ich von dir!

SIEGLINDE

Doch nanntest du Wolfe den Vater?

SIEGMUND

Ein Wolf war er feigen Füchsen!
Doch dem so stolz

SIEGLINDE

Espera! Deixa-me
ouvir a tua voz:
parece-me que o seu som
já o ouvi em criança.
Não! Acabei de a ouvir
quando da minha voz
na floresta escutava o eco.

SIEGMUND

Ó palavras maravilhosas
que me são dadas escutar!

SIEGLINDE

Já em tempos vi
o fogo do teu olhar,
foi assim que o ancião me olhou
quando me saudou
trazendo consolo à infeliz.
Pelo olhar
o reconheceu a sua filha,
quase que o chamei pelo seu nome!
Chamas-te mesmo Wehwalt?

SIEGMUND

Não me chamo assim
desde que tu me amas.
Agora em mim só mora a mais intensa felicidade!

SIEGLINDE

E então gostarias em alegria
chamar-te Friedmund?

SIEGMUND

Dá-me o nome
que tu gostarias que eu tivesse.
De ti aceitarei o baptismo!

SIEGLINDE

Disseste que o teu pai era Wolfe?

SIEGMUND

Ele era um lobo para as cobardes raposas!
Na verdade, encantador,

strahlte das Auge,
wie, Herrliche, hehr dir es strahlt,
der war: — Wälse genannt.

SIEGLINDE

War Wälse dein Vater,
und bist du ein Wälsung,
stiess er für dich
sein Schwert in den Stamm,
so lass mich dich heissen,
wie ich dich liebe:
Siegmond —
so nenn' ich dich!

Siegfried

“Schmiedelied”

SIEGFRIED

Notung! Notung!
Neidliches Schwert!
Was musstest du zerspringen?
Zu Spreu nun schuf ich
die scharfe Pracht,
im Tiegel brat' ich die Späne.
Hoho! Hoho!
Hohei! Hohei! Hoho!
Blase, Balg!
Blase die Glut!
Wild im Walde
wuchs ein Baum,
den hab' ich im Forst gefällt:
die braune Esche
brannt' ich zur Kohl',
auf dem Herd nun liegt sie gehäuft.
Hoho! Hoho!
Hohei! Hohei! Hoho!
Blase, Balg!
Blase die Glut!
Nun schwitze noch einmal,
dass ich dich schweisse,
Notung, neidliches Schwert!

aquele cujo orgulhoso brilho no olhar
era semelhante ao dos teus olhos
tinha por nome Wälse.

SIEGLINDE

Se Wälse era o teu pai,
então tu és um Wälsung.
Foi para ti que ele
cravou a espada no tronco.
Deixa-me que te chame
como eu te amo:
Siegmond —
é este o teu nome!

Siegfried

“Canção da forja”

SIEGFRIED

Notung! Notung!
Espada desejada!
Porque te partiste?
Reduzi a tua forte lâmina
a farripas,
neste cadinho aqueço a tua limalha.
Hoho! Hoho!
Hohei! Hohei! Hoho!
Sopra fole!
Sopra o lume!
Uma árvore selvagem
crescia na floresta.
Fui eu quem a abateu:
o seu tronco
reduzi ao carvão
que agora está sobre este fogão.
Hoho! Hoho!
Hohei! Hohei! Hoho!
Sopra fole!
Sopra o lume!
De novo vais suar
para que te possa forjar
Notung, espada desejada!

Siegfried

“Ewig war ich, ewig bin ich”

BRÜNNHILDE

Ewig war ich,
ewig bin ich,
ewig in süß
sehrender Wonne,
doch ewig zu deinem Heil!
O Siegfried! Herrlicher!
Hort der Welt!
Leben der Erde!
Lachender Held!
Lass, ach lass,
lasse von mir!
Nahe mir nicht
mit der wütenden Nähe!
Zwinge mich nicht
mit dem brechenden Zwang,
zertrümmre die Traute dir nicht!
Sahst du dein Bild
im klaren Bach?
Hat es dich Frohen erfreut?
Rührtest zur Woge
das Wasser du auf,
zerflösse die klare
Fläche des Bachs:
dein Bild sähst du nicht mehr,
nur der Welle schwankend Gewog’!
So berühre mich nicht,
trübe mich nicht!
Ewig licht
lachst du selig dann
aus mir dir entgegen,
froh und heiter ein Held!
O Siegfried!
Leuchtender Spross!
Liebe dich
und lasse von mir:
vernichte dein Eigen nicht!

Siegfried

“Fui eterna, sou eterna”

BRÜNNHILDE

Fui eterna,
sou eterna,
eterna no encanto
de um doce desejo,
mas sempre para o teu bem!
Siegfried! Ser maravilhoso!
Tesouro do mundo!
Vida desta terra!
Herói sorridente!
Deixa-me,
afasta-te de mim!
Não te aproximes de mim
nesse ímpeto feroz!
Não me violentes
com a tua força avassaladora,
não destruas aquela que amas!
Alguma vez contempleste
a tua imagem num claro ribeiro?
Deu-te alegria?
Se agitasses as águas
criando ondas,
se quebrasses a superfície
do límpido ribeiro,
deixarias de ver a tua imagem,
verias apenas a ondulação das vagas!
Não me toques então,
não me perturbes!
E assim para sempre
reflectirei a tua imagem
herói alegre e sereno,
para sempre luminoso!
Siegfried!
Jovem luminoso!
Ama-te a ti próprio
e deixa-me.
Não destruas o teu eu!

Götterdämmerung

“Brünnhilde, heilige Braut”

SIEGFRIED

Brünnhilde!

Heilige Braut!

Wach' auf! Öffne dein Auge!

Wer verschloss dich

wieder in Schlaf?

Wer band dich in Schlummer so bang?

Der Wecker kam;

er küsst dich wach,

und aber der Braut

bricht er die Bande:

da lacht ihm Brünnhildes Lust.

Ach! Dieses Auge,

ewig nun offen!

Ach, dieses Atems

wonniges Wehen!

Süßes Vergehen,

seliges Grauen:

Brünnhild' bietet mir Gruss!

(Er sinkt zurück und stirbt.)

Götterdämmerung

“Starke Scheite schichtet mir dort”

BRÜNNHILDE

Starke Scheite

schichtet mir dort

am Rande des Rheins zuhauf!

Hoch und hell

lodre die Glut,

die den edlen Leib

des hehrsten Helden verzehrt.

Sein Ross führet daher,

dass mit mir dem Recken es folge:

denn des Helden heiligste

Ehre zu teilen,

verlangt mein eigener Leib.

Vollbringt Brünnhildes Wort!

O Crepúsculo dos Deuses

“Brünnhilde, sagrada esposa”

SIEGFRIED

Brünnhilde!

Sagrada esposa!

Acorda! Abre os teus olhos!

Quem voltou

a adormecer-te?

Quem te infligiu esse sono irrequieto?

Chegou aquele que vai acordar-te;

acordar-te com um beijo

e de novo quebrar as correntes

que prendem a sua esposa:

e então irradia, sorridente,

o prazer de Brünnhilde!

Ah! Aqueles olhos

para sempre abertos!

Ah, o sopro inebriante

da tua respiração!

Doce agonia

sagrado temor:

Brünnhilde dá-me a sua saudação!

(Cai para trás e morre.)

O Crepúsculo dos Deuses

“Ergam além uma grande pira”

BRÜNNHILDE

Ergam além

uma grande pira

nas margens do Reno!

Que o braseiro

de grande e viva chama

consuma o corpo nobre

do mais sublime herói!

Conduzam aqui o seu cavalo

para que comigo siga o seu senhor,

pois o meu próprio corpo

aspira partilhar

a honra suprema do herói.

Cumpra-se a vontade de Brünnhilde!

Wie Sonne lauter
strahlt mir sein Licht:
der Reinste war er,
der mich verriet!
Die Gattin trügend,
— treu dem Freunde, —
von der eignen Trauten
— einzig ihm teuer —
schied er sich durch sein Schwert.
Echter als er
schwur keiner Eide;
treuer als er
hielt keiner Verträge;
lautrer als er
liebte kein andrer:
und doch, alle Eide,
alle Verträge,
die treueste Liebe
trog keiner wie er! —
Wisst ihr, wie das ward?
O ihr, der Eide ewige Hüter!

Lenkt euren Blick
auf mein blühendes Leid:
erschaut eure ewige Schuld!
Meine Klage hör',
du hehrster Gott!
Durch seine tapferste Tat,
dir so tauglich erwünscht,
weihtest du den,
der sie gewirkt,
dem Fluche, dem du verfielst:
mich musste
der Reinste verraten,
dass wissend würde ein Weib!
Weiss ich nun was dir frommt? —
Alles, alles,
alles weiss ich,
alles ward mir nun frei.
Auch deine Raben

Como raios claros do Sol
brilha para mim a sua luz;
foi ele, o mais puro,
quem me traiu!
Traiu a sua esposa
— sendo fiel ao seu amigo —
a sua espada separou-o
da sua amada,
a única que lhe era querida.
Nunca ninguém
prestou juramento mais leal;
nunca ninguém
foi tão fiel aos seus pactos;
nunca ninguém
foi tão intenso
no seu amor.
E contudo nunca ninguém como ele
traiu todas as juras, todos os pactos
e o mais sincero amor!
Sabem como tal aconteceu?
Ó vós, que eternamente zelais
pelos casamentos!
Inclinaí o vosso olhar
para a minha viva dor:
contemplai a vossa eterna culpa!
Ouve o meu lamento,
deus supremo!
Ao executar a façanha
que tu tanto desejavas ver realizada,
condenaste-o à maldição
que sobre ti pesava:
o homem mais puro
tinha de me trair
para que uma mulher tudo entendesse!
Saberei agora o que tu desejas?
Tudo, tudo,
agora sei tudo,
agora tudo é claro para mim!
Também já ouço
os teus corvos a esvoaçar irrequietos;

hör' ich rauschen;
mit bang ersehnter Botschaft
send' ich die beiden nun heim.
Ruhe, ruhe, du Gott!

(Sie winkt den Mannen, Siegfrieds Leiche auf den Scheiterhaufen zu tragen; zugleich zieht sie von Siegfrieds Finger den Ring ab und betrachtet ihn sinnend.)

Mein Erbe nun
nehm' ich zu eigen:
Verfluchter Reif!
Furchtbarer Ring!
Dein Gold fass' ich
und geb' es nun fort.
Der Wassertiefe
weise Schwestern,
des Rheines schwimmende Töchter,
euch dank' ich redlichen Rat:
was ihr begehrt,
ich geb' es euch:
aus meiner Asche
nehmt es zu eigen!
Das Feuer, das mich verbrennt,
reinge vom Fluche den Ring!
Ihr in der Flut
löset ihn auf,
und lauter bewahrt
das lichte Gold,
das euch zum Unheil geraubt.
Fliegt heim, ihr Raben!
Raunt es eurem Herren,
was hier am Rhein ihr gehört!
An Brünnhildes Felsen
fahrt vorbei! —
Der dort noch lodert,
weist Loge nach Walhall!
Denn der Götter Ende
dämmert nun auf.
So werf' ich den Brand
in Walhalls prangende Burg.

vou mandá-los ambos
para casa
com a tão desejada notícia.
Descansa, descansa em paz, ó deus!

(Faz sinal aos homens que deponham o cadáver de Siegfried sobre a pira; ao mesmo tempo, retira da mão de Siegfried o anel e contempla-o pensativa.)

Assim recolho
a minha herança.
Maldito anel!
Anel tenebroso!
Toco no teu ouro
e vou entregá-lo.
Agradeço o vosso leal conselho,
sábias irmãs
das profundas águas,
filhas ondeantes do Reno.
Entrego-vos
o que vocês desejam:
venham buscá-lo
às minhas cinzas!
O fogo que há-de consumir-me
purificará o anel da maldição!
Dissolvam-no
nas águas,
e guardem bem
o luminoso ouro
que para nosso mal vos foi roubado.
Ó corvos, voai para casa!
Contem ao vosso amo
o que ouvistes aqui no Reno!
De caminho passai
pelo rochedo de Brünnhilde;
Loge ainda aí crepita.
Indicai-lhe o Valhala!
Pois despontou agora
o crepúsculo dos deuses.
Assim deito eu fogo
ao resplandecente castelo Valhala.

Grane, mein Ross!
Sei mir gegrüsst!
Weisst du auch, mein Freund,
wohin ich dich führe?
Im Feuer leuchtend,
liegt dort dein Herr,
Siegfried, mein seliger Held.
Dem Freunde zu folgen,
wieherst du freudig?
Lockt dich zu ihm
die lachende Lohe?
Fühl' meine Brust auch,
wie sie entbrennt:
helles Feuer
das Herz mir erfasst,
ihn zu umschlingen,
umschlossen von ihm,
in mächtigster Minne
vermählt ihm zu sein!
Heiajoho! Grane!
Grüss' deinen Herren!
Siegfried! Siegfried! Sieh!
Selig grüsst dich dein Weib!

*(Sie hat sich auf das Ross geschwungen
und hebt es jetzt zum Sprunge. Sie sprengt
es mit einem Satze in den brennenden
Scheiterhaufen.)*

*(Zugleich ist vom Ufer her der Rhein mächtig
angeschwollen und hat seine Flut über die
Brandstätte gewälzt. Auf den Wogen sind die
drei Rheintöchter herbeigeschwommen und
erscheinen jetzt über der Brandstätte.)*

HAGEN

Zurück vom Ring!

Grane, meu corcel!
Eu te saúdo!
Sabes, meu amigo,
para onde te levo?
No meio do fogo luminoso
está o teu amo,
Siegfried, o meu sagrado herói.
Relinchas de alegria
por poderes seguir o teu amigo?
As alegres labaredas
chamam por ti?
Sente também
como arde o meu peito;
uma chama radiante
apoderou-se do meu coração;
quero abraçá-lo,
por ele ser abraçada,
e no mais intenso amor
a ele ser unida!
Heiaioho! Grane!
Saúda o teu senhor!
Siegfried! Siegfried! Vê!
Assim te saúda em êxtase a tua mulher!

*(Monta o cavalo e prepara-se para saltar
com ele; num salto alcança a pira ardente.
As labaredas aumentam instantaneamente
e o incêndio atinge toda a frente do palácio
que parece já sucumbir às chamas.)*

*(Ao mesmo tempo, o Reno galgou as
margens e inundou o local onde estava
a pira. Nas suas ondas, aproximam-se
nadando as Filhas do Reno que estão agora
sobre a pira.)*

HAGEN

Larguem o anel!

Tradução: João Paulo Santos (gentilmente cedida
pelo Teatro Nacional de São Carlos)

Ralf Weikert direção musical

Ralf Weikert é um dos mais experientes maestros austríacos de ópera e concerto, com uma elevada reputação internacional. Foi maestro titular do Teatro de Bona, adjunto do director geral na Ópera de Frankfurt e maestro principal da Orquestra Mozart e do Teatro Estatal de Salzburgo. Foi maestro titular e director musical da Ópera de Zurique (1983-1992) e director musical do Festival Richard Wagner Wels (2004-2015, Áustria).

Além da sua actividade como maestro em vários teatros de ópera, Ralf Weikert tem trabalhado com a Ópera Alemã de Berlim e as Óperas de Nova Iorque e de São Francisco. É convidado regularmente das Óperas de Viena, Baviera em Munique, Zurique, Hamburgo, Dresden, Real Sueca, Nacional Holandesa, Nacional Finlandesa, Nacional da Coreia e Nacional de Paris, do Novo Teatro Nacional de Tóquio e do Gran Teatre del Liceu de Barcelona. Apresenta-se frequentemente nos festivais de Salzburgo, Aix-en-Provence, Bregenz e Arena di Verona. Dirigiu gravações de inúmeros álbuns com repertório de ópera e concerto, tendo participado em produções radiofónicas e televisivas na Europa e nos Estados Unidos. A sua gravação de *O Barbeiro de Sevilha* de Rossini, com Edita Gruberova, foi galardoada com o Prémio ECHO Classic (2005).

Tem dirigido as mais conceituadas orquestras mundiais, colaborando com as Filarmónicas de Berlim, Viena, Dresden, Monte Carlo, Gran Canária, Checa, Zagreb, Eslovaca de Bratislava, Oslo e Tóquio, as Sinfónicas de Viena, Tóquio e Dinamarquesa, a Sinfónica da Rádio ORF de Viena, a NDR da Elbphilharmonie de Hamburgo, a Orquestra da Tonhalle de Zurique, a Orquestra Sinfónica Giuseppe Verdi de Milão, a Orquestra Sinfónica Nacional da RAI,

a Orquestra da Academia Musical Florentina, a Filarmónica da Radio France, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Orquestra de Câmara Inglesa, a Orquestra de Câmara Escocesa, a Academia de St Martin in the Fields, a Orquestra Nacional BBC do País de Gales, a Sinfónica NHK de Tóquio, a Nova Filarmónica do Japão, entre outras.

Ralf Weikert nasceu em St. Florian (Áustria). Estudou inicialmente no Conservatório Bruckner em Linz e prosseguiu os estudos na Academia de Música de Viena, sob a orientação do lendário professor Hans Swarowsky. Em 1965, ganhou o 1.º Prémio no Concurso Nicolai Maiko em Copenhaga. Um ano mais tarde, foi agraciado com o Prémio de Interpretação Mozart pelo Ministro da Cultura austríaco. Em 1975, o Prémio Karl Böhm foi-lhe entregue pelo próprio maestro.

Christiane Libor soprano

Natural de Berlim, Christiane Libor frequentou a Escola Superior de Música Hanns Eisler. Proseguiu estudos com Dietrich Fisher-Dieskau, Julia Varady, Hans Hotter e Brigitte Fassbaender.

Interpretou obras emblemáticas do repertório sob direcção dos mais conceituados maestros, incluindo Philippe Auguin, Asher Fisch, Philippe Jordan, Kurt Masur, Ingo Metzmacher, Marc Minkowski, Helmuth Rilling, Sebastian Weigle, Simone Young e Jaap van Zweden.

Em 2021/22, desempenha o papel de Brünnhilde, na mais recente produção de Brigitte Fassbaender de *A Valquíria* no Tíroler Festspiele Erl, e o papel principal de *Fidelio*, em interpretações com a Filarmónica de Los Angeles e direcção de Gustavo Dudamel. Regressa à Ópera de Leipzig para cantar *Die Feen*, dirigida por Christoph Gedschold, e é solista na *Nona Sinfonia* de Beethoven com Sylvain Cambreling e a Sinfónica de Hamburgo.

Em 2019/20, interpretou *Fidelio* com Asher Fisch e a Orquestra Sinfónica do Oeste Australiano, o segundo acto de *Tristão e Isolda* com Steven Sloane e a Sinfónica de Bochum, a *Nona Sinfonia* de Beethoven com Sylvain Cambreling e a Sinfónica de Hamburgo e *Quatro Últimas Canções* com Georg Fritzsich e a Badische Staatskapelle, em Karlsruhe.

Dos momentos altos das temporadas anteriores destacam-se: *A Valquíria* sob direcção de Jaap van Zweden, numa produção de Vera Nemirova para o Festival de Páscoa de Salzburgo, em digressão no Teatro Poly de Pequim; as três Brünnhilde n' *O Anel do Nibelungo*, em apenas quatro dias, na Ópera de Leipzig e com direcção de Ulf Schirmer; a estreia do papel de Kundry em *Parsifal* para a Ópera de Estugarda, numa produção de Calixto Bieito com direcção de Sylvain Cambreling; uma nova produção de

O Holandês Voador com a Ópera de Leipzig; *A Valquíria*, tanto com a Ópera de Fankfurt, sob a orientação de Sebastian Weigle, como em concerto com a Filarmónica da BBC, dirigida por Omer Meir Wellber; e o papel principal em *Ariadne auf Naxos* nas Óperas de Seattle e Estugarda.

A estreia norte-americana de Christiane Libor deu-se na Ópera de Seattle, em 2012/13, enquanto Leonore em *Fidelio* de Beethoven. Na mesma temporada cantou o papel principal em *Jenůfa* de Janáček, no Teatro do Estado de Tirol, em Innsbruck. Apresentou também *Das Liebesverbot*, em versão de concerto, com a Ópera de Frankfurt; *Tannhäuser*, na Ópera de Graz; *O Crepúsculo dos Deuses* sob a direcção de Philippe Jordan, na Ópera de Paris; e novamente *Das Liebesverbot* de Wagner, em Bayreuth e Leipzig.

Christiane Libor foi solista convidada da Orquestra Sinfónica da Rádio de Berlim (Sinfonia n.º 14 de Chostakovitch com Marek Janowski), da Sinfónica da Nova Zelândia (*Quatro Últimas Canções* de Strauss com Edo de Waart) e da Filarmónica de Berlim (*Paixão segundo São Lucas* de Penderecki com Antoni Wit). Enquanto Artista em Residência no Festival Bard, em 2010, juntou-se a Leon Botstein e à Orquestra Sinfónica Americana para uma série de programas, onde cantou obras como *Altenberg Lieder* de Berg, *O Livro dos Sete Selos* de Schmidt e *Sancta Susanna* de Hindemith.

É Professora Associada na Universidade de Música de Karlsruhe, Alemanha.

Christian Elsner tenor

Natural de Freiburg im Breisgau, Christian Elsner é um cantor requisitado internacionalmente. Além de se apresentar como solista, dedica-se actualmente ao ensino, transmitindo a sua paixão e experiência às novas gerações e recordando os seus estudos vocais com Martin Gröndler.

Aprofundou a interpretação de *Lied* na classe de Dietrich Fischer-Dieskau. Fez recitais acompanhado por Hartmut Höll, Gerold Huber e Burkhard Kehring em Dresden, Munique, Colónia, Schwetzingen, Bruxelas, Paris e no Festival Schubertiade. O seu repertório variado pode ser conhecido em inúmeros CD com gravações de *Lied*, concertos e óperas. O seu mais recente álbum *Urgedanken*, com canções de Mahler, Brahms, Wagner e Beethoven, foi lançado em 2021.

Apresentou-se nos mais importantes centros musicais, como a Filarmónica de Berlim, o Musikverein de Viena, o Carnegie Hall de Nova Iorque, o La Scala de Milão ou o Suntory Hall de Tóquio, interpretando obras como *A Criação* de Haydn (direcção de Zubin Mehta), *Stabat Mater* de Dvořák (direcção de Mariss Jansons), *A Canção da Terra* de Mahler (direcção de Yannick Nézet-Séguin), *O Livro dos Sete Selos* de Franz Schmidt (direcção de Manfred Honeck) ou a *Nona Sinfonia* de Beethoven.

A sua longa colaboração com Marek Janowski tem sido particularmente enriquecedora. Sob a sua direcção, interpretou Parsifal, Loge e Mimo, assim como a Bruxa em *Hansel e Gretel* de Humperdinck e Florestan em *Fidelio* de Beethoven. As óperas de Richard Wagner tornaram-se o foco da sua carreira operática, contando com interpretações de Siegmund e Parsifal no Teatro Nacional Alemão de Weimar, no Teatro Estatal de Kassel, na Ópera Semper

em Dresden, na Ópera Estatal de Viena e no Teatro Real de Madrid. Inspirado por esta experiência, publicou recentemente um livro para crianças intitulado *Lennie Und Der Ring Des Nibelungen*.

Na temporada 2021/22, o tenor Christian Elsner canta a *Missa Solemnis* com direcção de Marek Janowski em Dresden, apresenta-se num recital com Hartmut Höll em Karlsruhe e é solista convidado em concertos com as Filarmónicas da Rádio Alemã de Saarbücke e de Kaiserslauter, a Sinfónica de Praga, entre outras. Interpreta também o papel de Siegmund no Porto e em Stavanger.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas e Solange Azevedo. Nesta temporada, destaca-se ainda

a interpretação das óperas *Senza sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como o *Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Martyn Jackson
Álvaro Pereira
Radu Ungureanu
José Despujols
Maria Kagan
Ianina Khmelik
Tünde Hadadi
Roumiana Badeva
Emília Vanguelova
Vadim Feldblioum
Alan Guimarães
Andras Burai
Vladimir Grinman
Evandra Gonçalves
Ana Luísa Carvalho*
Raquel Santos*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Catarina Martins
Pedro Rocha
Francisco Pereira de Sousa
Karolina Andrzejczak
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Jorman Hernandez*
Pedro Carvalho*

Viola

Vinciane Vinckenbosch*
Anna Gonera
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Biliana Chamlieva
Jean Loup Lecomte
Emília Alves
Theo Ellegiers
Rute Azevedo
Carlos Monteiro*
Marisa Moreira*
Teresa Fleming*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Sharon Kinder
João Cunha
Irene Alvar
Bruno Cardoso
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Jorge Villar Paredes
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Nadia Choi
Altino Carvalho
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Ana Pinho*
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Telma Mota*
Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
João Moreira
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Sousa*
Luís Duarte Moreira*
Pedro Fernandes*
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
José Alexandre Marques*

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo
Dawid Seidenberg

Trombone

Severo Martinez
André Conde*
Nuno Martins
Faustino Núñez Pérez*

Tuba

Luís Oliveira*

Tímpanos

Jean-François Lézé
Bruno Costa

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Ana Aroso*
Bleuenn Le Friec*

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

